

Novena do Natal



Gerard Altmann

Serra do Pilar, 17-25 Dezembro 2020

(1º dia), 17

(Durante a “entrada”, música de fundo...)

Leitura do Livro do Profeta Isaías (2,1/5)

Visão de Isaías, filho de Amós, acerca de Judá e de Jerusalém:

Sucedará nos dias que hão de vir que o monte do Templo do Senhor se há de erguer no alto das montanhas e ficará acima das colinas. Ali acorrerão todas as nações, ali irão ter povos sem número. E hão de dizer: *Vinde, pois! Subamos ao monte do Senhor, ao Templo do Deus de Jacob. Que ele nos ensine os seus caminhos, e nós sigamos pelas suas veredas. De Sião é que há de vir a Lei, e de Jerusalém a Palavra do Senhor. Ele será Juiz no meio das nações e Árbitro de povos sem número. Das espadas forjarão relhas de arado e das lanças farão foices. Uma nação já não há de erguer a espada contra outra, nem mais se há de aprender a fazer a guerra. Vinde, pois, ó Casa de Jacob, caminhemos à luz do Senhor.*

Música

The kingdom of God (O Reino de Deus) – Taizé

(link para ouvir: [\(24\) The Kingdom of God - YouTube](#))

(partitura para cantar: [o.reino.de.deus.pdf \(paroquiabaixadabanheira.org\)](#))

The kingdom of God is justice and Peace

O Reino de Deus é um reino de Paz,

and joy in the Holy Spirit

justiça e alegria no Espírito Santo!

Come Lord and open in us

Senhor: em nós vem abrir

the gates of your Kingdom!

as portas do Teu do Reino!

Não pode haver tristeza quando a vida nasce

Natal! A esta palavra está ligado um universo de símbolos: a vela, as estrelas, as bolas resplandecentes, o pinheirinho, o presépio, o boi e o asno, os pastores, o bom José e a Virgem, o Menino repousando sobre palhas. Eles constituem o eco do maior evento da história: a Encarnação de Deus. Nasceram da fé e falam ao coração. Hoje, entretanto, estes símbolos foram capturados pelo comércio e apelam para o nosso bolso. Mas, apesar de toda a profanação, o Natal guarda ainda a sua sacralidade inviolável, sacralidade que é a da própria vida. Toda a vida é sagrada e remete para um mistério sacrossanto. Por isso, todo o atentado contra a vida é uma agressão ao próprio Deus. Na vida do Menino a fé celebra a manifestação da própria vida e a comunicação da próprio Mistério. A intuição desta profundidade não foi perdida na nossa sociedade sacralizada. Em razão disto, o Natal é mais do que todos os seus símbolos manipuláveis: é mais rico do que todos os mecanismos do consumo

Para que se possa verdadeiramente celebrar o Natal, é necessário recriar a atmosfera sagrada das suas origens religiosas. E celebrar implica abrir o coração e alegrar-se. *Alegremo-nos; não pode haver tristeza quando nasce uma vida!* – dizia S. Leão Magno, no 1º Sermão sobre o Natal. Celebremos; não pode reinar indiferença quando a noite, de repente, se ilumina!

Ó homem, porque temes com a vinda do Senhor? Ele não veio para julgar ninguém. Não nasceu para condenar. Por isso apareceu como uma pequena criança. Seu choro é doce, não afugenta ninguém.

A Mãe enfaixou-lhe os bracinhos frágeis; porque teme ainda que Ele tenha vindo armado, para castigar. Ele aí está, franzino, para ficar junto de nós e nos libertar. Celebra, pois, a chegada do maior amigo. Canta aquele que foi sempre, no sono e na vigília, esperado e ansioso. Ele chegou, finalmente!

Cabe a cada um criar o ambiente de festa, fazer silêncio no seu coração, preparar a alma e reconciliar-se com todas as coisas. Só assim se saboreia a festa. A nossa meditação visa aprofundar os motivos de alegria. Não temos a alegria dos cara-alegres, alegres sem saber porquê. Temos motivos para o júbilo radiante, para a alegria plena e para a festa solene: Deus fez-se homem e veio morar em nossa casa. Que significa isso? Celebrar esta espantosa notícia supõe conheçamos os motivos da alegria e as razões da festa.

O Natal revela o projeto que Deus se propusera a si mesmo. Deus quis comunicar-se de uma forma completa a um outro ser diferente dele. Dignou-se dar-se de presente a alguém. Deus não quis ficar unicamente Deus. O Criador dispôs-se a fazer-se, também ele, criatura. Não quis comunicar apenas o seu Bem, a sua Verdade e a sua Beleza. Presenteou-nos também, é verdade, com isso. Por isso, sempre que radicalmente amamos o Bem, pensamos a Verdade e apreciamos a Beleza, apreciamos e amamos a Deus. Mas Deus quis muito mais do que isso. Quis dar-se: Deus dá-se a si mesmo. Para se dar, precisa de alguém diferente dele que o possa receber. E esse alguém foi criado capaz de o receber. É o homem. E, dentre os homens, o olhar divino pousou sobre o judeu Jesus de Nazaré. Nele, Deus está absolutamente presente. O homem, portanto, só tem sentido pleno enquanto recebe Deus. É como o copo: só tem sentido completo se receber o vinho precioso, pois foi feito para isso. No seu irmão Jesus de Nazaré, o homem encontra o sentido e a realização plena da sua existência, pensada, querida e criada para hospedar Deus. Quando, pois, Deus se dá totalmente a alguém, estamos diante da Encarnação divina.

(Leonardo BOFF – *Encarnação, a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*, 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 3.7-10)

Oremos (...)

Não deixes, ó Pai,
que o barulho dos dias que vivemos nos adormeça
e nos afaste das tarefas do Reino e do Mundo,
tão pouco dos gritos da dor e da pobreza.
Acorda-nos para as grandes tarefas,
recordando-nos as palavras com que
o teu Verbo que se fez carne
nos prometeu a glória da Graça;
e não permitas que a tua Igreja,
este povo de santos que reuniste,
perca o sentido da liberdade da fé.
O Senhor virá!
Ajuda-nos a passar pelas
alegrias da Graça e da Fraternidade,
recordando-nos o Caminho e as suas metas!

Amen!

(música de fundo...)

2º dia, 18

(Durante a “entrada”, música de fundo...)

Leitura do Livro de Jeremias (23,5-8)

“Dias virão - diz o Senhor - em que farei surgir para David um rebento justo. Será um verdadeiro rei e governará com sabedoria: há de exercer no país o direito e a justiça. Nos seus dias, Judá será salvo e Israel viverá em segurança. Este será o seu nome: ‘O Senhor é a nossa justiça’. Por isso, dias virão - diz o Senhor - em que já não se dirá ‘Viva o Senhor que fez sair os seus filhos de Israel da terra do Egipto’, mas sim ‘Viva o Senhor que fez sair e regressar os descendentes da Casa de Israel da região do Norte e de todos os países em que os tinha dispersado, para poderem habitar na sua própria terra’”.

Música

Hagase en mí (Hermana Glenda)

(link para ouvir:

<https://open.spotify.com/track/0YuPnNeUZGFCrw9S19YwGZ?si=8AkEDpCQRsy0LAv6dsINZg>)

Do que Deus é capaz!

Certo dia, na plenitude dos tempos, quando o prazo da espera expirou, Deus aproximou-se de uma virgem toda pura. Bateu-lhe mansamente à porta e pediu para morar e viver na casa dos homens. E Maria disse que sim. Porque havia lugar para ele na sua hospedaria, o Verbo se fez carne no seio da virgem. E a vida divina começou a crescer no mundo.

E uma noite completou-se o tempo. No silêncio da gruta, porque não havia lugar para ele na estalagem dos homens, entre o arfar do burro e o mugir da vaca, Deus nasceu. Aquele que nunca ninguém tinha visto, aquele a quem os homens suplicavam *Senhor, mostra-nos o teu rosto*, revelou-se tal como é. Permanecendo o Deus que sempre fora, assumiu o homem que nunca fora. É o mistério da noite abençoada do Natal.

Atendamos à maneira como isto aconteceu. Deus não ficou no seu mistério indecifrável; saiu da sua luz inacessível e veio para as trevas humanas. Não permaneceu na sua onnipotência eterna; penetrou na fragilidade da criatura. Não atraiu a humanidade para dentro de si; deixou-se atrair para dentro da humanidade. Veio para o que era diferente dele; fez-se aquilo que eternamente não era.

Passsei por Belém de Judá e ouvi um sussurro terno. Era a voz de Maria embalando o filho: “Sol, meu filho, como vou cobrir-te de panos? Como vou amamentar-te, tu que nutres toda a criatura. Como vou ver-te nos meus braços, tu que conténs todas as coisas” (*Analecta Sacra*, 1.229). E José, perplexo exclamava: Como pode? Como pode ter forma de criança aquele que deu forma a todos os seres? Como pode fazer-se pequeno na terra, aquele que é grande no céu? Como pode o estábulo conter aquele que contém todo o universo? Como podem seus bracinhos estarem envoltos em panos, se seu braço governa a terra e o céu? Como pode?

(...) Apareceram no presépio *a bondade e o amor humanitário de Deus, nosso Salvador* (Tt 3, 4). Deus abaixou-se, fez-se mundo, tornou-se homem. Ele não é mais, apenas, o Deus de quem se cantava *Grande é o nosso Deus, sem limites é o seu poder*.

Agora, ele mostrou-se tal qual é. Pequeno é o nosso Deus, infinito o seu amor! Porque o seu amor é infinito, aproximou-se de nós. Não temeu a matéria, não recebeu acolher a condição humana, por vezes trágica e, em muitos aspetos, absurda. Quem poderia imaginar que Deus se fizesse homem assim? A ninguém é desconhecida a condição humana. Apesar da sua bondade fundamental, o homem não deixa também de ser um fracassado na História. Ele pode ser um lobo para outro homem e uma máquina destruidora para si mesmo. Cada qual sabe por experiência própria: é difícil suportar-se a si mesmo com hombridade; mais difícil ainda é abrir-se aos demais, auscultá-los e tentar amá-los tal como são, em suas estreitezas e limitações. E, no entanto, Deus quis ser homem.

A gente está tão cansada de dizer e de ouvir dizer que *o Verbo se fez carne* que nem reflete no que isso significa. Ele quis realmente ser um de nós, como eu e como tu, menos no pecado; um homem limitado que cresce, que aprende e que pergunta; um homem que sabe ouvir e que pode responder. Deus não assumiu uma humanidade abstrata, animal racional. Ele assumiu, desde o primeiro momento da sua conceção, um ser histórico, Jesus de Nazaré, um judeu de raça e de religião, que se formou na estreiteza do seio materno, que cresceu na estreiteza de uma pátria insignificante, que amadureceu na estreiteza da vizinhança de uma vila de província, que trabalhou num meio limitado e pouco instruído, que não sabia grego nem latim, as línguas da época, que falava um dialeto – o aramaico – com sotaque galileu, que sentiu a opressão das forças [romanas] que ocupavam o seu país, que conheceu a fome, a sede, a saudade, as lágrimas pela morte do amigo, a alegria da amizade, a tristeza, o temor, as tentações e o pavor da morte, e que passou pela noite escura do abandono de Deus. Tudo isso Deus assumiu em Jesus Cristo. A nada foi poupado. Assumiu tudo o que é autenticamente humano e pertence à nossa condição, como a ira justa e a alegria sã, a bondade e a dureza, a amizade e o conflito, a vida e a morte. Tudo isto está presente na figura franzina do Menino que começou a choramingar no presépio entre o burro e a vaca.

O Natal mostra-nos do que Deus é capaz. Ele pode fazer-se realmente outro, um homem como qualquer de nós, sem deixar de ser Deus.

(Leonardo BOFF – *Encarnação, a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*, 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 10-14)

Oremos (...)

Senhor, Tu fizeste resplandecer na nossa Noite
a claridade de Cristo, Luz do Mundo;
Ele veio para salvar o que estava perdido.
Renova a tua Igreja
na Fé, na Esperança e na Caridade:
que ela testemunhe, nestes dias que vivemos
e até ao Último Dia,
o Sol da Justiça que alumiou as nossas trevas.
Como a água pelos dedos da mão,
parece que perdemos a Boa nova do nascimento de Jesus!
Por ele, o teu Cristo,
teu Filho e nosso Irmão,
Deus contigo e Homem connosco,
na Unidade do Espírito Santo.
Amen!

(música de fundo...)

3º dia, 19

(Durante a “entrada”, música de fundo...)

Leitura do Livro do Profeta Isaías (25,6/10a)

Naquele dia, o Senhor do Universo há de preparar, para todos os povos, no Monte Sião, um banquete de pratos suculentos e excelentes vinhos, comidas requintadas e vinhos puríssimos. O Senhor há de tirar, neste monte, o véu de luto que cobre todos os povos, o pano que envolve todas as nações: e destruirá a morte para sempre. O Senhor enxugará as lágrimas de todas as faces. Há-de retirar de toda a terra a vergonha do seu povo. Ele assim o afirmou. Nesse dia, dir-se-á: *Eis o nosso Deus, aquele de quem esperávamos a salvação, o Senhor em quem púnhamos nossa confiança; alegremo-nos e rejubilemos, porque ele nos salvou.* É que a mão do Senhor pousará sobre este monte.

Música

Puer Natus in Bethlehem - O Menino nasceu em Belém (Gregoriano)

(link para ouvir: [\(24\) Puer Natus in Bethlehem - YouTube](#))

Puer natus in Bethlehem

O menino nasceu em Belém

Unde gaudet Jerusalem

Por isso alegra-se Jerusalém

Alleluia

In cordis júbilo

Com júbilo no coração

Christum natum adoremus

A Cristo nascido adoremos

Cum novo cantico

Com um cântico novo

Assumpsit carnem Filius

O Filho assumiu a carne

Dei Patris altissimus

O Altíssimo de Deus Pai

Alleluia

Per Gabrielem nuntium

Pelo anúncio de Gabriel

Virgo concepit Filium

A virgem concebeu o Filho

Alleluia

Tamquam sponsus de thalamo

Como um noivo de seus aposentos

Processit Matris utero

Ele saiu do ventre de Maria

Alleluia

Hic iacet in praesepio

Ele jaz numa manjedoura

Qui regnat sine termino

Ele reina sem fim

Alleluia

Cognovit bos et asinus

Os bois e os asnos perceberam

Quod puer erat Dominus

Que a criança era o Senhor

Alleluia

Et Angelus pastoribus

E o anjo aos pastores

Revelat quod sit Dominus

Revela que ele é o Senhor

Alleluia

Reges de Saba Veniunt

Reis vêm de Sabá

Aurum thus myrrham offerunt

Ouro, incenso, mirra, ofertam

Alleluia

Intrantes domum invicem

Em fila entram na casa

Novum salutant Principem

E saúdam o novo Príncipe

Alleluia

De Matre natus Virgine

Nascido de mãe virgem

Sine virili semine

Sem semente viril

Alleluia

Sine serpentis vulnere

Sem a ferida da serpente

De nostro venit sanguine

Veio de nosso sangue

Alleluia

In carne nobis similis

Semelhante a nós pela carne

Peccato sed dissimilis

Porém dissemelhante pelo pecado

Alleluia

Ut redderet nos homine

Para refazer nós, homens

Deo et sibi similes

A Deus e a si semelhantes

Alleluia

In hoc natali gaudio

Nesta alegria de Natal

Benedicamus Domino

Bendigamos ao Senhor

Alleluia

Laudetur sancta Trinitas

Louvada seja a Santíssima Trindade

Deo dicamus gratias

Demos graças a Deus

Alleluia

Visão cósmica da encarnação de Deus

Acreditamos e agora sabemos com S. João que *todas as coisas foram criadas pelo Verbo e que nada se fez sem ele* (Jo 1,3.10). Não só toda a humanidade foi assumida pelo Filho, mas também todo o universo é, de alguma forma, o seu corpo. Pela encarnação, *a carne não mais é apenas terrestre pois que foi assumida pelo Verbo*, assevera-nos ousadamente Santo Atanásio. Com o Filho, a filiação atingiu todo o mundo. O mesmo Santo Atanásio, que morreu no ano 373, ensinou mais ainda: *pela encarnação, o Filho enobreceu toda a criação... Fazendo-a divina e tornando-a filha, assim a conduz ao Pai*. Há, pois, um carácter filial e fraternal em toda a criação, não somente na esfera humana. Processou-se como que uma *crístificação* da matéria. As pedras, o pó do caminho, as plantas, todos os animais das selvas e do nosso convívio, tudo o que existe, se move, sente e pensa tem a ver com o Menino que agora nasce. Porque somos todos irmãos do Filho Primogénito. São João Damasceno, do século VIII, pregava assim: *Aprouve ao Pai realizar a união de todos os seres no seu Filho único. De facto, o homem, sendo um microcosmo, une em si todas as realidades visíveis e invisíveis; agradou ao Senhor que as criou e governa todas unir, em seu Filho único e consubstancial, a divindade à humanidade e, por esta, o conjunto de todas as criaturas, a fim de que Deus esteja todo em tudo*.

Por causa desta visão cósmica da encarnação de Deus, a liturgia antiga da Igreja cantava: *Alegres pelo nascimento de Cristo, as montanhas e as colinas inclinam-se e os elementos do mundo, numa inefável alegria, cantam neste dia uma melodia sublime*. Celebra-se, pois, uma liturgia cósmica que escapa aos olhos e ouvidos sensíveis, mas que é vista e ouvida pelos olhos da fé. Sabemos que o mundo foi definitivamente visitado por Deus. Por isso, a criação se alegra, canta e extasia com o Hóspede divino!

Deitemos, neste dia, água às flores! Tratemos bem os animais! Das nossas janelas, saudemos a natureza! Pisemos com cuidado o chão dos nossos caminhos para não atropelarmos a vida! Todos estamos *crístificados*! Todos somos irmãos! E os irmãos tratem-se bem e com carinho!

São Francisco entendeu-o bem: queria que, nestes dias em que o Verbo se fez carne, todos comessem carne com fartura, que se atirassem sementes pelas estradas para que as aves tivessem que comer. Que quem tivesse burro ou vaca lhes desse ração maior, porque na noite santa de Natal a Virgem colocou o Menino entre um burro e uma vaca. Que todos se lembrassem de que somos irmãos uns dos outros: que, por isso, se deem mutuamente presentes.

Dêmo-nos presentes, portanto, porque Deus nos deu um também, e de grande valor; deu-se a si mesmo num Menino!

(Leonardo BOFF – *Encarnação, a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*, 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1977

Oremos

O camponês conhece os seus campos
pelo que parecem, quer dizer que prometem
assim o crente se deveria conhecer a si próprio
a partir da promessa que cresce no seu corpo
na Visitação de Deus
e da inabitação do Espírito

o tempo agora é para adivinhar
o espaço potencial de Deus quem vem vindo
e a comunidade o lugar de verificação
da presença do Espírito

que a Palavra prepare os nossos ouvidos
e a nossa boca para a confissão e o louvor
Amen!

José Mourão (*O nome e a forma*, p. 210)

(música de fundo...)

4º dia, 21

(Durante a “entrada”, música de fundo...)

Leitura da Carta de Paulo aos Gálatas (4,4-7)

Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou-nos o seu Filho nascido duma mulher, um filho sujeito à Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da mesma Lei, de modo a recebermos a adoção de filhos. E, porque somos agora filhos, Deus enviou também aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que nos faz dizer "Abbá!, Pai!". É que, agora, já não somos escravos, somos filhos; e, sendo [seus] filhos, somos também [seus] herdeiros, por graça dele próprio, Deus.

Música

Veni veni Emanuel (Gregoriano)

(link para ouvir/acompanhar: [Veni Veni Emmanuel - LEGENDADO PT/BR - YouTube](#))

Veni, veni, Emmanuel

Vem, vem, Emanuel

Captivum solve Israel

Liberta o cativo Israel

Qui gemit in exilio

Que geme no exílio

Privatus Dei Filio

Até que o Filho de Deus apareça

Gaude! Gaude! Emmanuel

Alegra-te! Alegra-te! Emmanuel

Nascetur pro te Israel!

Nasceu para ti, Israel!

Veni, O Iesse virgula

Vem, ó ramo da árvore de Jessé

Ex hostis tuos ungula

Liberta-os das garras do inimigo

De spectu tuos tartari

Aqueles que confiam em vosso poder de salvar

Educ et antro barathri

E lhes traz vitória sobre o Inferno

Gaude! Gaude! Emmanuel

Alegra-te! Alegra-te! Emmanuel

Nascetur pro te Israel!

Nasceu para ti, Israel!

Veni, veni O Oriens

Vem, vem, ó Sol nascente

Solare nos adveniens

Anima-nos pela tua aproximação

Noctis depelle nebulas

Dissipa as nuvens sombrias da noite

Dirasque mortis tenebras

Afasta as sombras da morte

Gaude! Gaude! Emmanuel

Alegra-te! Alegra-te! Emmanuel

Nascetur pro te Israel!

Nasceu para ti, Israel!

Veni, Clavis Davidica

Vem, Chave de Davi

Regna reclude caelica

E abre-nos o Reino dos Céus

Fac iter tutum superum

Faz segura a estrada para o Alto

Et claude vias inferum

E fecha o caminho do Inferno

Gaude! Gaude! Emmanuel

Alegra-te! Alegra-te! Emmanuel

Nascetur pro te Israel!

Nasceu para ti, Israel!

Veni, veni, Adonai

Vem, vem Senhor

Qui populo in Sinai

Que ao povo no Sinai

Legem dedisti vertice

Destes a lei

In maiestate gloriae
Na gloriosa majestade

Gaude! Gaude! Emmanuel
Alegra-te! Alegra-te! Emmanuel
Nascetur pro te Israel!
Nasceu para ti, Israel!

Quando professamos que o Verbo se fez carne

Deus não quis aparecer-nos como Deus, mas como homem. Quis que o homem se realizasse totalmente. Por isso, a vinda de Deus na nossa carne significa a hominização perfeita e a realização plena do desejo utópico do homem. Jesus, em quem Deus se entregou totalmente, surge como verdadeiro Adão, o homem novo. Mas isso só foi possível porque o homem usou a mesma lógica de Deus: a de se apagar a si mesmo de modo que, não ele, o homem, mas Deus, possa aparecer. Assim chegou ao fim a busca de Deus levada a cabo pelo homem. E chegou ao fim porque o homem encontrou Deus, não fora de si, mas em si mesmo, na sua carne e dentro do seu coração.

Quando professamos, no meio da luz santa do Natal, que *O Verbo se fez carne*, acreditamos que Aquele que estava no mundo (Jo 1,10), Aquele que era a luz verdadeira que ilumina todo o homem em todos os tempos (Jo 1,9), Aquele que estava presente onde se dizia a verdade, se vivia o Amor, se estabelecia uma comunicação fraterna, Aquele que anonimamente atuava na história, conduzindo-a secretamente na direção do Mistério, agora se revelou plenamente, se identificou pelo nome e se chama Filho de Deus, o Verbo eterno, Jesus Cristo. A verdade, a revelação, o amor, o perdão, a comunhão fraterna deixaram de ser substantivos abstratos, são realidades concretas, concretíssimas, tomaram corpo, assumiram uma personalidade, chamam-se Jesus Cristo, Filho eterno de Deus e Irmão nosso na carne.

O Deus que um dia assumiu o mundo nunca mais o abandonou. O Natal não é um dia do ano, é todos os dias, porque cada dia carrega dentro de si o Filho eterno incarnado. Ele está na comunidade dos fiéis, está nos seus sacramentos, está nas palavras sagradas, está no coração dos homens de boa vontade, está em todo o mundo a caminho da *parusia* (final dos tempos). Quando o pobre que pouco tem ainda reparte, quando o sedento dá a água e o faminto o pão, quando o fraco fortalece o impotente, *vai Deus mesmo em nosso caminhar*. Quando se diz a verdade onde impera a mentira, quando se ama onde há ódio, quando se prega a paz onde vigora a guerra, *é Deus que vai mesmo em nosso caminhar*. Prolonga-se a encarnação, o Verbo perpetua a sua ação na história, Jesus Cristo continua a nascer na vida dos homens.

Quando professamos na festa do Natal, com inaudita alegria, que *o Verbo se fez carne*, acreditamos que Deus está totalmente aqui. Ele veio para sempre. Ele chama-se Jesus de Nazaré. Por este Menino, disse definitivamente ao mundo e ao homem: *eu te amo*. Esta palavra feita carne não deixou o mundo indiferente; tudo nele ganha um sentido novo, não há nada que seja totalmente absurdo, porque Deus disse: *eu te amo*. Na nossa noite acendeu-se uma luz que não se apagará jamais. Deus disse à nossa solidão, às nossas lágrimas e ao nosso desconsolo, às nossas fraquezas: *eu te amo*.

Com Jesus, explodiu e implodiu um sentido último para fora e para dentro das nossas vidas. Neste Menino, o mundo e o homem chegaram a um fim bom. Chegaram, enfim, a Deus. Manifestou-se o absoluto Sentido.

(Leonardo BOFF – *Encarnação, a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*, 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 43-46)

Oremos

Deus que vens de Deus,
horizonte da nossa linguagem e do nosso desejo

Deus que anunciamos
na espessura do que em nós é riso
e choro, ao mesmo tempo infiguráveis

Deus, instante fugaz
Da sede e da fome saciadas, diferidas

Que descubramos no corpo dos outros
Os traços do bem que procuramos e perdemos

que a nossa vida te reconheça
pela maneira como por ti se vê reconhecida
na teia do que passa e permanece,

tu que és aquele que há de vir,
e Deus conosco

Âmen!

José Mourão (*O nome e a forma*, p. 113)

(música de fundo...)

5º dia, 22

(Durante a “entrada”, música de fundo...)

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (2,14)

Naqueles dias, saiu um édito de César Augusto, ordenando o recenseamento de toda a terra. Este recenseamento foi o primeiro que se fez, era Quirino governador da Síria. E todos se iam recensear, cada um na sua cidade. Também José subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, porque era da Casa e descendência de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que estava grávida.

Ora aconteceu que, enquanto lá estavam, se completaram os dias em que ela devia dar à luz.

Música

O quam magnum miraculum est (Hildegard von Bingen)

(link para ouvir:

<https://open.spotify.com/track/1Sq3PZnWJqOiKOfC33SbbF?si=i-AxArktRTeBBienCa5Dkw>)

O quam magnum miraculum est

Quão grande é a maravilha!

quod in subditam femineam

Na forma feminina subjugada

formam Rex introivit.

o Rei chegou.
Hoc Deus fecit
Isto fez Deus
quia humilitas
porque a humildade
super omnia ascendit.
sobre todas as coisas ascende.
Et o quam magna felicitas
E quão grande é a felicidade
est in ista forma,
que reside nessa forma
quia malicia,
por malícia
que de femina fluxit,
que de uma mulher floriu
hanc femina postea detersit
uma mulher essa malícia varreu
et omnem suavissimum
e suavíssimo
odorem virtutum edificavit
perfume de virtude fez erguer
ac celum ornavit
os céus agraciaram
plus quam terram
mais que a terra
prius turbavit.
no caos lançava.

Jesus Cristo apresenta-se como o encontro do homem que busca a Deus com o Deus que busca o homem. Ele é a encruzilhada onde se encontram o caminho descendente de Deus e o ascendente do homem.

Nele está presente o verdadeiro homem, em tudo igual a nós exceto no pecado. Nele está a nossa saudade infinita por um encontro plenificante; nele vigora a nossa fragilidade e pobreza abissal; nele estão as nossas lágrimas por causa da paixão dolorosa do mundo; nele está a nossa pequena alegria com sua satisfação temporal e passageira; nele está a nossa pequenez humana, presa às estreitezas de um mundo retalhado por toda e espécie de interesses contraditórios; nele está a nossa vida que é mortal e que se vai consumindo irresistivelmente, causando-nos a insegurança e o medo que antecedem a surpresa do grande encontro.

Nele está presente o verdadeiro Deus a matar a nossa saudade infinita, a assumir a nossa fragilidade, a enriquecer a nossa pobreza abissal, a encher-nos de alegria indizível, a divinizar a nossa pequenez e a imortalizar a nossa vida morta. O projeto humano é assumido no projeto divino; e o projeto divino penetra o projeto humano.

Tudo isso se esconde naquele pequenino que se move, cheio de vida, na manjedoura. Ele é o sacramento do encontro de Deus com o Homem. Agora, como criança, não pode ainda mostrar o que significa que Deus entre na carne humana e tudo o que significa que o homem seja conduzido para dentro de Deus. O processo da encarnação iniciou-se na concepção de Jesus, desenvolveu-se depois no seu nascimento e intensificou-se ao longo da sua vida, até culminar na ressurreição. Tudo foi sendo assumido por Deus: as estreitezas do seio materno, as manifestações todas da vida do pequenino embrião, o

choramingar do recém-nascido, a sua fala, os seus pensamentos, a sua aprendizagem, as suas decisões de adulto, os seus conflitos com a situação do tempo, toda a sua vida e sua morte. Tudo é assumido por Deus, na medida em que se desenrola a existência do homem Jesus de Nazaré. Quanto mais Jesus estava em Deus, mais Deus estava em Jesus. Quanto mais Jesus mergulhava em Deus, mais homem ficava, pois que o homem é tanto mais homem quanto mais pode estar com um Tu. Estando totalmente em Deus – o Outro absoluto –, Jesus tornava-se totalmente homem.

Quanto mais Deus estava no homem Jesus, mais Deus se humanizava. Quanto mais o homem Jesus estava em Deus, mais o homem se divinizava. Deus está de tal maneira em Jesus que se identificou com ele. Jesus estava de tal maneira em Deus que se identificou também com ele. Deus fez-se homem para que o homem se fizesse Deus. Quando se verificou este encontro inefável, surgiu no mundo o mistério da encarnação de Deus e o da divinização do homem. Como a fê da Tradição sagrada disse muito bem, um e o mesmo Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, numa unidade inconfundível, imutável, indivisível e inseparável.

O Natal não nos revela apenas o sentido último da vida, a divinização. Ele traz-nos também a alegria, porque, nessa noite, tudo se nos iluminou. Revelou-se-nos também uma nova face de Deus e foi-nos dado a conhecer um novo tipo de poesia e de lirismo divino.

O Natal deu-nos a chave para deciframos alguns mistérios profundos da nossa existência. Os homens perguntavam-se angustiados: porquê a dor?, porquê a pequenez sentida e sofrida?, qual o sentido do sofrimento dos pequenos da terra? Os homens faziam estas perguntas a Deus, mas Deus ficava calado. Os homens procuravam argumentos para não fazer cair sobre Deus os desconcertos da história. Mas nenhuma resposta fazia calar as perguntas nascidas nas raízes de um coração dorido. Agora, no Natal, Deus falou. E o homem calou-se e não perguntou mais. E ouviu a narração do acontecimento da doçura divina e humana: Deus nasceu pequeno, Deus fez-se história, Deus chama-se presépio.

Deus não responde ao porquê do sofrimento; sofre juntamente connosco. Deus não responde ao porquê da dor; fez-se o homem das dores. Deus não responde ao porquê da humilhação: humilhou-se. Não mais estamos sós na nossa imensa solidão; ele está connosco. Não mais somos solitários, mas solidários. Emudece-nos a argumentação da razão; fala-nos a narração do coração. Narre-se a história de um Deus que se fez criança, que não pergunta, mas faz, que não responde, mas vive uma resposta.

A nossa noite iluminou-se. O Menino nascido em Belém revelou-nos que tudo tem um sentido secreto e tão profundo que Deus mesmo o quis assumir. A estreiteza do nosso mundo – no qual Deus entrou – tem uma saída abençoada e um desfecho feliz.

Vale a pena ser homem. E Deus quis ser um deles. (...) Olhemos bem fundo nos olhos do Menino: nele sorri a humanidade, a jovialidade e a eterna juventude do nosso Deus.

(Leonardo BOFF – *Encarnação, a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*, 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 60-66)

Oremos!

Deus, loucura do mundo,
adoração e vertigem dos que procuram a tua face
através das coisas visíveis
dá à nossa vida o encanto dos descobrimentos
e a sabedoria das margens
de onde te chama o nosso desejo
e a nossa viagem a caminho do teu Nome,

Deus que vens em Jesus Cristo iluminador
e no Espírito da verdade,
longo caminho de muitos caminhos,
deste fim de tarde ao começo e ao fim
Da nossa esperança

Amen!

(José Mourão (*O nome e a forma*, p. 73))

(música de fundo...)

6º dia, 23

(Durante a “entrada”, música de fundo...)

Leitura de Lucas (2,1-21)

Por aqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra. Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria. Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade. Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida. E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. Na mesma região encontravam-se uns pastores que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos durante a noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor refulgiu em volta deles; e tiveram muito medo. O anjo disse-lhes: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura.» De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado.» Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.» Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura. Depois de terem visto, começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele menino. Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores. Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração. E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado.

Música

Gloria, in excelsis Deo (Taizé)

(link para ouvir: [\(24\) Gloria... et in terra pax - YouTube](#))

(link para partituras: [182 - Gloria.gif \(450×207\) \(iktusmalta.org\)](#))

**Gloria, Gloria in excelsis deo,
Gloria, Gloria, alleluia,
Et in terra pax hominibus bonae voluntatis.**

Oremos

Deus, foste tu que nos puseste
nos caminhos do tempo
E disseste à nossa vida que a esperança se cumpre
Atravessando a noite sem bagagens
como os Magos à procura de presépio,
assim caminhamos para ti; que nos guie a estrela
para a prática das mãos, dos olhos e da esperança
e nos revele os perigos tortuosos;
que nos transporte a quadriga da justiça e da fortaleza
e que João Baptista, estrela-d'alva antes do dia que nasce,
nos indique o roteiro do teu Nome e do teu rosto
dá-nos também a companhia de Maria
que nos ajude a descortinar
as janelas do deserto e da alegria
Santifica-nos, Deus, pelo fogo da tua consolação
E pelo fogo que acendeste entre todos nós aqui reunidos
Na memória da tua Páscoa,
Deus do nosso berço e do nosso túmulo
que vens no Pai, no Filho e no Espírito Santo
Ámen!

(José Mourão, *O nome e a forma*, p. 73)

(música de fundo...)